



## FÉ COMO EXPRESSÃO DE CONHECIMENTO E ADESÃO À REVELAÇÃO DIVINA

FAITH AS A PATH TOWARDS KNOWLEDGE  
AND ADHERENCE TO DIVINE REVELATION

Jorge Calado Paúnde\*  
Jhenisson dos Santos Rossi\*\*  
Mercio José Cauduro\*\*\*

**Resumo:** O objetivo deste opúsculo é refletir de forma concisa no contexto bíblico e teológico o tema da fé como resposta à revelação divina. Sendo assim, num primeiro momento procuramos olhar a fé no âmbito bíblico, buscando referências e até mesmo fazendo um resgate da evolução da compreensão da fé do Antigo Testamento ao Novo Testamento, em seguida olhamos para a concepção teológica da fé e, por fim, elementos que possibilitam e que impossibilitam o ser humano de hoje a abraçar a fé. A realidade da fé é intrínseca ao ser humano, embora para uns a fé está envolta pela dúvida e para outros a fé expressa a certeza de um Deus que se revelou através do seu único Filho.

**Palavras-chave:** Fé. Revelação divina. Deus. Jesus Cristo.

---

\* Jorge Calado Paúnde é graduado em Filosofia pela Universidade Católica da África Oriental (CUEA), Nairobi – Kenya e graduando em Teologia (IV semestre) pela Faculdade Palotina – FAPAS em Santa Maria, RS, Email: paundejorge68@gmail.com.

\*\* Jhenisson dos Santos Rossi graduado em licenciatura em Filosofia na Faculdade Palotina (FAPAS), Santa Maria/RS. Graduando em Teologia (IV semestre) pela Faculdade Palotina (FAPAS) – Email: rossijhenisson@gmail.com.

\*\*\* Mercio José Cauduro é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, e professor no Curso de Teologia da Faculdade Palotina – FAPAS

**Abstract:** The objective of this article is to reflect concisely in the biblical and theological context the theme of faith as a response to divine revelation. Therefore, at first we seek to look at faith in the biblical context, seeking references and even recovering the evolution of the understanding of faith from the Old Testament to the New Testament, then we look at the theological conception of faith and, finally, elements that make it possible and that make it impossible for today's human beings to embrace faith. The reality of faith is intrinsic to the human being, although for some faith is surrounded by doubt and for others faith expresses the certainty of a God who revealed himself through his only Son.

**Keywords:** Faith. Divine revelation. God. Jesus Christ.

### Considerações iniciais

A busca pela compreensão da fé como resposta à revelação divina permeia tanto as páginas da Sagrada Escritura quanto os debates teológicos ao longo da história. Este opúsculo propõe-se a refletir de forma concisa sobre este tema, explorando tanto suas raízes bíblicas quanto suas ramificações teológicas contemporâneas.

Inicialmente, direcionamos nosso olhar ao contexto bíblico, onde a fé é um fio condutor desde os relatos do Antigo Testamento até as narrativas do Novo Testamento. A fé se expressa como uma confiança profunda em Deus, fundamentada em experiências passadas e promessas divinas, evoluindo até sua plenitude revelada em Cristo.

No contexto teológico, entendemos a fé como o ato de conhecer e aceitar a revelação divina ao longo da história. Crer implica reconhecer e internalizar o conteúdo da revelação divina, discernindo a presença de Deus na história da salvação.

Finalmente, analisamos o que facilita e o que dificulta a adesão de fé na atualidade, porque o ser humano, único capaz de vivenciar a fé, é influenciado por sua realidade ao decidir aderir ou não à revelação divina.

## 1 A fé na Sagrada Escritura

A reflexão sobre a fé na Sagrada Escritura, alinhada com o pensamento do teólogo Rino Fisichella (2000, p. 93), destaca a estreita relação entre o ato de crer<sup>1</sup> e a compreensão da revelação divina ao longo da história. A Sagrada Escritura é o veículo principal que transmite essa revelação, e a fé é o meio pelo qual os crentes podem conhecer e aceitar seu conteúdo.

Entretanto, a fé na Sagrada Escritura se manifesta como um processo contínuo de busca, aceitação e vivência da revelação divina, que atravessa toda a história da salvação e orienta a jornada espiritual dos crentes. Dado que o tema é vasto e complexo, aqui serão abordados alguns aspectos essenciais tão somente.

---

<sup>1</sup> Antes de refletirmos sobre o conceito de fé na Sagrada Escritura, é importante observar que, atualmente, o termo “crer” é usado em vários aspectos do cotidiano, o que pode dificultar a compreensão de “crer” no sentido relacionado ao tema da fé. Hoje, o termo abrange uma ampla gama de significados, desde previsões meteorológicas até convicções pessoais e crenças sobre sistemas econômicos. Fisichella observa que “há diversos significados para a palavra ‘crer’. Eu ‘creio’ que amanhã fará bom tempo; ‘creio’ que a palavra de meu amigo não é falsa; ‘creio’ que a aplicação de uma economia de livre mercado torna o mundo mais justo... O uso do crer, como se percebe, é diversificado” (2000, p. 93). Contudo, neste artigo, pretendemos abordar a fé como uma resposta positiva ao convite que o Senhor faz para com ele entrar em comunhão e dar à vida um sentido novo e definitivo.

## 1.1 A fé no Antigo Testamento

Ao analisar o Antigo Testamento, é possível perceber a evolução da concepção de fé. A fé no contexto do Antigo Testamento muitas vezes envolve uma confiança profunda em Deus, baseada em experiências passadas e nas promessas e/ou aliança divinas. Essa fé não é uma crença superficial, mas sim um compromisso e aceitação do plano e da vontade de Deus. Portanto, ao refletir sobre a evolução do significado de crer no contexto teológico e sua aplicação na compreensão da fé no Antigo Testamento, é possível ganhar uma visão mais abrangente e aprofundada da natureza e importância da fé na tradição judaico-cristã.

Conforme Fisichella, crer equivale a conhecer e aceitar o conteúdo de como Deus foi se revelando ao decorrer da história, “[...] implica uma pluralidade de horizontes que englobam a dimensão gnosiológica e comportamental”. Deste modo, “crer o” e “no” Senhor é o mesmo que “conhecer”. Isto de certo modo leva a entender que a expressão “discernir que o Senhor é Deus” (Is 43,10) está relacionada com o ato de perceber, distinguir ou até mesmo compreender, de modo a “ser assumida como a profissão de fé que perpassa todo o Antigo Testamento” (2000, p. 93).

Dessa forma, o Antigo Testamento apresenta o ato de fé como uma confiança profunda em Deus, exemplificada na figura de Abraão, que se apoia na palavra salvadora de Deus e confia no cumprimento da promessa divina (Gn 15,1-6; 16,1) (Alfaro, 1967, p. 49).

De acordo com Alfaro, Israel emergiu como um povo fundamentado na fé em Iahweh, o Deus da Aliança. Essa fé se manifestou através da experiência direta do poder salvífico de Deus, resultando na aceitação de Sua soberania e na

confiança em Sua proteção. Essa dinâmica pode ser observada nos relatos bíblicos, como em Êxodo 4,1-31 e 14,10-18, assim como em Números 1,4-41.

A doutrina monoteísta foi o resultado da experiência religiosa de Israel, em cuja história se tinha revelado *lahweh* como o único Salvador: somente *lahweh* é Deus, porque só Ele salva. O caráter cognitivo da fé ficou então conscientemente sublinhado (Is 43,10-12). O conhecimento de Deus, pregado pelos profetas, incluía a profissão da fé monoteísta (Os 2,20; Is 45,5, 22; Jr 24,7; Ex 6,7-13), que ficou ligada a fórmulas determinadas (Dt 6,20-24; 26,5-9; Js 24,2-13) (Alfaro, 1967, p. 49).

Por conseguinte, a compreensão da fé no contexto do Antigo Testamento, como uma busca por conhecer e aceitar a revelação divina, serve como uma base sólida para a transição e o estudo da fé no Novo Testamento, onde a figura de Jesus Cristo desempenha um papel central na manifestação da verdadeira fé e no desenvolvimento da tradição cristã.

Desta maneira, para Langevin, o crer no Antigo Testamento é entendido como um ato de entrega a Deus, tal como é possível perceber em Gn 15,6; Ex 14,31 e Nm 14,11: “entregar-se à palavra salvífica de um Deus que conduz a história e que fez aliança primeiro com os pais e depois com ‘seu povo’, Israel” (1994, p. 319). Com essa base, passaremos a explorar a compreensão da fé no Novo Testamento, onde o conceito evolui e se aprofunda, refletindo a nova revelação trazida por Jesus Cristo e sua influência na definição e vivência da fé cristã.

## 1.2 Compreensão da fé no Novo Testamento

No Antigo Testamento encontramos pessoas que inspiradas pelo Espírito Santo “interpretaram as palavras e ações de YHWH como preparação da vinda de Cristo e que se tornaram fonte de compreensão e de vida para eles” (Libanio,

2014, p. 126). Essas interpretações foram colocadas por escrito para que não nos escapasse o conhecimento da ação salvadora de Deus na história.

Como consequência desta ação de Deus, percebemos no Novo Testamento, que o verdadeiro sustento da fé se deu por meio da vida e obra de Jesus Cristo e da continuidade de seus fiéis apóstolos, os primeiros anunciadores da Boa Nova. Dada a amplitude do tema, vamos nos limitar ao estudo de alguns aspectos fundamentais da fé nos Evangelhos e nos escritos paulinos.

### *1.2.1 Compreensão da fé nos evangelhos*

A perspectiva da fé dos evangelhos sinóticos centra-se na pessoa de Jesus Cristo, e sem tirar a dimensão do conhecer no processo de crer, dá-se mais ênfase ao encontro. De fato, Fisichella afirma que os evangelhos sinóticos “mostram que o encontro pessoal e direto com ele é fonte de conhecimento da própria existência pessoal. Para conhecer Deus e nele crer, deve-se conhecer primeiro aquele que foi enviado por ele, e nele crer” (2000, p. 94). Isso reforça a compreensão de Jesus como a plenitude da revelação, pois por ele Deus decidiu deixar-se conhecer, o “esposo” dá-se a conhecer diretamente e participa da mesma vida com os homens e convive com eles (2000, p. 94).

O Jesus de Nazaré convive com os homens e apresenta a proposta do Reino na linguagem humana. Com essa centralidade na missão de Jesus, os sinóticos de forma unânime apresentam-nos vários momentos em que Jesus faz alusão aos aspectos do crer no Messias.

A fé nos sinóticos é apresentada como requisito fundamental para que se opere a cura, a fé é dada e louvada por Jesus como fundamento para a consequente cura como se observa nas seguintes perícopes: Mc 2,5: “Jesus, vendo-

lhes a fé...”; Mc 5,34: “Minha filha, a tua fé te salvou...”; Mc 7,29: “Pelo que disseste, vai...”; Mt 8,10: “[...] em Israel, não achei ninguém que tivesse tal fé” e em Lc 7,50: “[...] tua fé te salvou; vai em paz”.

É necessário que fique claro que o milagre não força a fé, salvaguarda-se a liberdade da pessoa de poder ir a favor ou contra o autor do milagre. Aqui o milagre funciona como o instrumento que suscita no homem a passibilidade de escolha, percebendo-se uma “linha que parte do milagre e conduz à fé” (Pfammatter, 1971, p. 15). Por fim, uma coisa é certa, como afirma Pfammatter, os sinóticos deixam claro que:

A fé inclui sempre confiança e esperança em face da mensagem (ou do Evangelho: Mc 1,15). Porque a mensagem implica que, em Jesus, a Basileia está próxima, resulta que na fé se dá sempre uma aproximação nova do homem para com Deus. Em Jesus de Nazaré [...] é dada ao homem a oportunidade de semelhante intimidade com Deus. Surge então, para o homem [...] a necessidade da opção pro ou contra o portador da própria mensagem: a fé é opção e, portanto, juízo (1971, p. 16).

Esta é a compreensão da fé segundo os três primeiros evangelhos, e a esta fé apresentada pelos sinóticos tudo é possível, é uma fé que ‘move montanhas’, portanto essa fé nova pregada por Jesus, exige uma visão e audição não como meros atos físicos, mas sim um ouvir e ver que culmina com uma radical opção por Jesus, por meio do qual Deus quer operar a salvação. Desse modo, “a fé só se plenificará no que tem de mais profundo, graças à entrega total do homem a Ele, graças a ligação da própria vida com a Sua, graças a pertinência ao número de seus imitadores” (Pfammatter, 1971, p. 18).

No evangelho de João, a fé é central e inclui todos os aspectos de sua teologia. Diferente dos sinóticos, que enfatizam mais o encontro, João se concentra no aspecto do conhecer. “A visão da relação crer-conhecer é para ele

de alcance decisivo” (Fisichella, 2000, p. 94), como no diálogo de Jesus com Nicodemos em Jo 3,31. Fisichella considera que “crer e conhecer, especialmente em João, são conceitos afins e por vezes até permutáveis entre si” (2000, p. 94).

Desse modo, segundo Fisichella, para João a fé abre espaço para uma compreensão cada vez maior e uma conseqüente comunhão cada vez mais profunda com a pessoa, assim conhecida, até conduzir ao amor. Ao mesmo tempo, e de qualquer forma, esse conhecimento, justamente porque realizado à luz da fé, está protegido contra todo e qualquer mal-entendido mítico ou gnóstico (cf. Jo 6,69; Jo 10,38; Jo 14,20) (2000, p. 95).

Agora para Pfammatter João concorda com os sinóticos no que diz respeito ao julgamento de Deus, a quem é dado a possibilidade de segui-lo ou não, e se exprime afirmando que ‘Quem não crê já está julgado’ (cf. Jo 3,18) (1971, p. 18), portanto para São João existe o dever de confessar a Jesus, dever que já pressupõe a fé.

### 1.2.2 *Compreensão da fé nos escritos Paulinos*

O conjunto das epístolas paulinas, seja as escritas por ele ou as que lhe foram atribuídas, apresentam uma literatura própria e distinta das demais encontradas no Novo Testamento, elas apresentam uma literatura por si reflexiva.

Importa também referir que em boa parte dos seus escritos o objetivo pelo qual Paulo escreve é para alertar as comunidades já fundadas sobre o perigo das falsas doutrinas (Pfammatter, 1971, p. 20). Por essa razão Paulo acentua bastante o aspecto da escuta, e concebe a fé como *fides ex auditu* (Rm 10,17), a fé que depende da pregação do apóstolo e que está fundada na palavra do Senhor: a fé

vem da pregação, e a pregação é o anúncio da palavra de Cristo (Fisichella, 2000, p. 96).

Nos escritos paulinos o tema da fé constitui um papel essencial e decisivo em toda a sua visão cristã. Segundo Fisichella, Paulo apresenta uma fé que tem uma dimensão soteriológica centrada no mistério salvífico da paixão, morte e ressurreição do Senhor (2000, p. 95). Paulo fala-nos de “uma fé que conduz à salvação” (Pfammatter, 1971, p. 20). Porém, nesta visão da fé que conduz à salvação, São Paulo não dispensa o esforço ou atividade humana, e nem a substitui pela simples fé, mas defende que a atividade humana é necessária, pois sem ela a fé não seria fé (cf. Gl 5,6; 1Cor 13). Por isso, Paulo dá ênfase a uma fé objetiva (*fides quae*), uma fé que exige vivência e testemunho.

Portanto, podemos afirmar que a fé em São Paulo tem quatro dimensões: identitária, universal, missionária e comunitária. Tem em primeiro lugar o caráter da identidade, pois, como afirma Fisichella:

Para Paulo é a fé que define o ser cristão e a identidade pessoal. Trata-se de uma realidade dinâmica que tem início com a aceitação do batismo que torna as pessoas justificadas [...] a justificação para a salvação é um processo que deve levar o crente a uma assimilação total com o Senhor; isso dura toda vida e não conhece interrupção alguma ou alternância no empenho (Fisichella, 2000, p. 96).

A fé em Paulo também tem uma dimensão universal, isto é, não exclui ninguém, todos podem ter acesso e ninguém fica excluído, todos são chamados à salvação mediante o ato da fé como ele mesmo se expressa em Gl 3,28 e Rm 10,12. Por sua vez, a fé proclamada não se fecha apenas num nível querigmático, mas abre-se ao espírito missionário porque essa proclamação deve ser de novo proclamada e vivida por quem a recebe (Cl 1,4-6).

Por fim, a fé tem uma dimensão comunitária, pois o sujeito da fé é toda a comunidade crente, como afirma Fisichella: “é a Igreja que crê e que exprime sua fé nas diversas ações, desde o testemunho até a ação litúrgica: hinos, cânticos, profissões de fé” (2000, p. 96).

## 2 Concepção teológica da fé

Já refletia o teólogo Joseph Ratzinger que “quem nos dias de hoje tenta falar sobre a fé cristã para pessoas que não têm, seja por profissão, seja por convivência, intimidade com a linguagem e o pensamento eclesiais, há de sentir logo ambiente de estranheza e de assombro que acompanha um empreendimento dessa natureza” (2005, p. 31), para dizer que falar da fé atualmente é cada vez mais desafiante. Portanto, nesse item nos ateremos a abordar a fé no sentido teológico. Embora conte com alguns aspectos externos e a graça divina, o ser humano é livre e consciente, tem a liberdade de optar por crer ou não crer, porém, consciente da sua escolha.

Para o teólogo espanhol Juan Alfaro, o Concílio Vaticano II definiu o conceito de fé de maneira clara e contundente, como se pode ler na *Dei Verbum*:

A Deus que revela é devida a obediência da fé (Rm 16,26; cf. Rm 1,5; 2Cor 10,5-6); pela fé, o homem entrega-se total e livremente a Deus, oferecendo ‘a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade’ e prestando voluntário assentimento à Sua revelação. Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte a Deus o coração, abre os olhos do entendimento, e dá a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade (DV n. 5).

Esse entendimento reforça a fé como uma adesão pessoal a Deus, que envolve tanto o intelecto quanto a vontade, destacando a dimensão comunitária e eclesial da experiência de fé.

Segundo Alfaro (1967, p.48-59), a fé é a resposta do ser humano à revelação divina, na qual ele confia plenamente em Deus, prestando-lhe obediência voluntária. No Concílio Vaticano II, destacou-se que a fé é resultado do dinamismo espiritual do indivíduo, envolvendo seu entendimento e vontade. A fé abrange o consentimento e aceitação do conteúdo revelado, a obediência à palavra divina e a confiança em Deus como Salvador. Por meio da fé, o homem se abre à graça divina e entra em comunhão de vida com Deus.

O teólogo Rino Fisichella (2000, p. 98-101) reflete sobre a relação entre a fé e a verdade. Segundo ele, trata-se da relação complexa entre a concepção da verdade na filosofia grega e no pensamento cristão. Os dois mundos, o grego e o cristão, apresentam abordagens distintas quanto à verdade. Para os gregos, a verdade reside na imediata radicação do ser e está ligada à experiência da divindade e da perfeição do mundo. Os gregos buscam a verdade na contemplação.

O mundo cristão entende a verdade como a manifestação de Deus em eventos históricos, que culminam em uma realização em perspectiva escatológica. A verdade na ótica cristã é histórica e está relacionada à revelação e fidelidade de Deus. Ela se manifesta ao longo do tempo, envolvendo uma dialética de “manifestação-ocultação” (Fisichella, 2000, p. 99). A Encarnação de Cristo é vista como um evento central que sintetiza a revelação de Deus na história. Além disso, a verdade cristã se estende para o futuro, relacionada à realização plena do Reino de Deus e ao pleno conhecimento de Deus.

Contudo, o contraste entre a verdade grega baseada na contemplação imediata e a verdade cristã ligada à revelação histórica e à promessa de Deus destaca a complexidade das diferentes concepções de verdade e sua relação com a fé. “Considerar a fé cristã um ‘conhecer’ e um ‘saber’ consiste em pensar a revelação como fundamento do próprio ato com o qual se crê” (Fisichella, 2000, p. 100). Essa perspectiva implica que, na fé cristã, o ato de crer está intrinsecamente ligado ao conhecimento e à compreensão da revelação divina.

A revelação é dada ao homem [...] a partir de sua própria objetividade. Essa evidência objetiva, que tem em si um caráter dialógico e provocativo para a existência, pois pede para entrar numa relação de comunhão, exige uma correspondente “evidência” subjetiva que, na pessoa, possui sua forma expressiva como fé. Tem-se, então, um denominador comum determinado pela “evidência”, que compreende o objetivo do revelar-se e o subjetivo do crer. O crente não é privado de nada neste ato, pois ele constitui a forma de conhecimento típica e peculiar mediante a qual é possível antecipar o futuro, prepará-lo à luz daquele evento que o põe em ato e respeitá-lo naquilo que ele tem, a sua verdade” (Fisichella, 2000, p. 100-101).

Deste modo, podemos afirmar que a fé cristã é profundamente enraizada na revelação divina, que desafia a existência a entrar em uma relação de comunhão. Conforme a carta encíclica *Lumen fidei*, “a fé nasce no encontro com o Deus vivo, que nos chama e revela o seu amor” (LF, n. 4), e ainda acrescenta que “a fé é a resposta a uma Palavra que interpela pessoalmente, a um Tu que nos chama por nome” (LF, n. 8).

No que diz respeito à adesão da fé, a Constituição Dogmática *Dei Verbum* afirma que para “prestar esta adesão da fé são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o

qual move e converte a Deus o coração, abre os olhos do entendimento, e dá a todos a suavidade em aceitar e crer” (DV, n. 5).

À luz do que foi abordado acima, no próximo tema exploraremos as vias de entrada e saída da fé, investigando alguns dos fatores que favorecem a fé e algumas das possíveis razões que levam à sua perda ou enfraquecimento.

### **3 Aspectos que possibilitam e aspectos que impossibilitam a adesão ao conteúdo da revelação**

O ser humano, sendo o único ser vivo com a capacidade de ter uma vivência de fé, encontra-se numa determinada realidade que pode muito bem influenciar a sua decisão de adesão ou não ao conteúdo da revelação. Desta forma podemos encontrar elementos que favorecem a adesão assim como os que favorecem a saída da vivência de fé. Dito isto, neste item pretendemos apresentar alguns elementos em forma de Vias de entrada (os elementos que favorecem a adesão ao conteúdo da revelação) e Vias de saída (os elementos que dificultam ou até mesmo impedem a adesão ao conteúdo da revelação). Cabe ressaltar que existem também elementos que constituem vias de entrada como também de saída da fé. Esse tema é relevante para compreender os fatores que influenciam o desenvolvimento e a manutenção da fé.

Ao explorar essas vias, é possível obter um determinado conhecimento sobre a dinâmica da opinião e os caminhos que levam as pessoas a abraçar, sustentar ou, por vezes, abandonar suas convicções religiosas. Ademais, a abordagem desse tema permite-nos descrever de alguma forma a inter-relação entre fé e descrença em nossos dias, a qual, segundo o então Cardeal Joseph Ratzinger, expressa um problema específico da fé nos dias de hoje (2005, p. 37).

Para este item seguiremos a reflexão que o teólogo João Batista Libanio faz em seu livro *Introdução à Teologia Fundamental* (2014, p. 107-156), porém das várias vias que Libanio desenvolve, para esse artigo trabalharemos algumas que julgamos mais relevantes para esse texto.

### 3.1 As portas de saída da fé católica

Dentre as razões mais pertinentes que motivam a não adesão à revelação judaico-cristã, destacam-se as seguintes.

a. **As portas da ciência.** A evolução da ciência, particularmente nas áreas da cosmologia e da teoria da evolução, desafiou a fé cristã. Fiéis que foram formados em concepções científicas pré-galileanas e pré-newtonianas foram vistos diante de novos dados científicos que contradiziam a narrativa religiosa tradicional. O caso de Galileu Galilei, que teve uma resolução satisfatória apenas recentemente, exemplifica os conflitos entre fé e ciência. Neste sentido, o conflito entre fé e ciência persiste, afetando agora áreas como a moral sexual e a biotecnologia. Conforme Libanio (2014, p. 108), cientistas contemporâneos desafiam a fé das pessoas, e posições ateístas têm se difundido, com autores como Richard Dawkins argumentando em favor do ateísmo. Essa complexa relação entre fé e ciência tem sido uma das maiores portas por onde muitos têm encontrado motivos para deixar de crer em Deus. À medida que a ciência avança e desafia narrativas religiosas tradicionais, muitos que antes acreditavam em Deus encontram razões para questionar ou até mesmo abandonar sua fé.

b. **A porta da autonomia do sujeito.** A autonomia do sujeito desempenha um papel crucial na evolução das crenças religiosas, especialmente à medida que as pessoas amadurecem. Ao entrarem na adolescência e na vida adulta, percebem

a dualidade entre aspectos objetivos da fé, como práticas religiosas, e a dimensão subjetiva, onde a interpretação pessoal ganha importância. Conflitos surgem quando a interpretação pessoal diverge da interpretação oficial da religião, levando alguns a abandonar a fé para seguir um caminho mais alinhado com suas crenças e valores atuais, marcando uma busca por autonomia e autenticidade na religião. Por esta razão Libanio afirma ser essa talvez a maior porta de evasão da fé, pois quanto mais avançam a modernidade e a pós-modernidade, mais as pessoas adquirem autonomia para abandonar quaisquer tradições ou até mesmo prescrições dadas por instituições religiosas (2014, p. 112).

c. **A porta midiática.** A porta midiática representa uma das vias de saída da fé à medida que a mídia desempenha um papel cada vez mais influente na formação de opiniões e valores. A exposição a ideias e perspectivas diversas por meio dos meios de comunicação pode desafiar as crenças religiosas tradicionais e até mesmo minar a fé. Com a disseminação de informações e visões de mundo diversas, as pessoas podem encontrar influências contrárias à sua fé, levando à dúvida e à eventual rejeição das crenças religiosas (LIBANIO, 2014, p. 116).

d. **A porta da práxis.** A porta da práxis se abre à medida que a prática religiosa, especialmente a ligada à Igreja Católica, enfrenta desafios e crises. No passado, a Igreja detinha a hegemonia, na prática da caridade e ação social, desempenhando um papel central na vida das comunidades. Contudo, à medida que a instituição enfrenta problemas e escândalos, a práxis religiosa é afetada. As pessoas podem questionar a coerência entre os ensinamentos religiosos e a conduta da instituição, o que pode levar à desilusão e ao abandono da fé (LIBANIO, 2014, p. 117). Por essa razão a prática religiosa ou testemunho fragilizado dos cristãos torna-se um empecilho muito importante para levar mais pessoas à conversão.

---

e. **A porta do mal.** A porta do mal representa um desafio para a fé, pois muitas vezes as pessoas confrontam o sofrimento, a injustiça e o mal em suas vidas e no mundo, o que pode levá-las a questionar a existência de Deus ou a bondade divina. A teodiceia, que busca reconciliar o sofrimento humano com a crença em um Deus bom e onipotente, muitas vezes é posta em dúvida diante de experiências de dor e injustiça. Essa porta de saída da fé se abre quando as pessoas não conseguem encontrar respostas satisfatórias para a questão do mal e começam a duvidar das bases de sua fé (LIBANIO, 2014, p. 119).

f. **A porta da pós-modernidade.** A porta da pós-modernidade se relaciona com a crescente pluralidade de visões de mundo e a relativização das verdades na era pós-moderna. Nesse contexto, as crenças religiosas tradicionais podem ser vistas como apenas uma entre muitas perspectivas igualmente válidas. A pós-modernidade valoriza a autonomia do sujeito e a diversidade de experiências, o que pode levar as pessoas a questionarem e eventualmente abandonarem suas crenças religiosas em busca de uma identidade espiritual mais fluida e adaptável (LIBANIO, 2014, p. 120).

### 3.2 Portas de entrada à fé Católica

Em relação às razões mais significativas que embasam e motivam a adesão à fé cristã, destacam-se as seguintes.

a. **A porta de Deus.** A primeira via de entrada, segundo Libanio, é a porta de Deus. Embora os seres humanos, as realidades por eles criadas ou mesmo o diabo, na linguagem tradicional, abram portas de saída da fé, Deus não interfere, pois respeita a liberdade das criaturas, mas “a iniciativa para abrir, parte de Deus” (LIBANIO, 2014, p. 125). Ou seja, embora existam forças que lutam

incansavelmente para nos afastar da vivência de fé, Deus sempre faz muito mais para nos trazer de volta à comunhão com Ele. O chamamento para estar em comunhão com Deus sempre parte Dele. O ser humano tem a liberdade de responder sim ou não, mas essa resposta é secundária, pois, em primeiro lugar, vem o amor que Deus tem por nós. Como diz São João: “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro” (1Jo 4,19).

b. **A porta da Escritura.** A segunda porta de entrada é a Escritura. Deus sempre agiu e continua agindo na história da salvação. A ação salvadora de Deus se manifesta no coração das pessoas, mas também por meio de gestos e sinais. Portanto, como afirma Libanio, “[...] nos escaparia ao conhecimento e não receberíamos nenhum estímulo, se, por inspiração do Espírito Santo, pessoas e comunidades não nos tivessem escrito e transmitido” (LIBANIO, 2014, p. 126) as maravilhas realizadas por Deus na história em vista da salvação do ser humano.

c. **A porta da experiência existencial.** Não existiria uma melhor forma de entrar em comunhão com Deus através da adesão ao conteúdo da revelação senão a experiência existencial. Por essa razão a experiência existencial constitui mais uma das portas de entrada da fé. Podemos aqui buscar palavras do grande Santo da Igreja, Santo Agostinho, que teve uma experiência forte de fé a ponto de afirmar de forma profunda e poética:

Tarde vos amei, Ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-Vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco! Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria se não existisse em Vós. Porém, chamastes-me com uma voz tão forte que rompestes a minha surdez! Brilhastes, cintilastes e logo afugentastes a minha cegueira! Exalastes perfume: respirei-o, suspirando por Vós. Saboreei-Vos, e agora tenho fome e sede de Vós. Tocaste-me e ardi no desejo da vossa paz (X, 27,38).

Essas palavras que exprimem uma experiência existencial de busca e encontro vindos de um Santo Padre mostram o quão vazio o ser humano é quando não está em comunhão com Deus. Portanto, essas experiências de vazio nos levam a uma busca incansável, nos levam a encontrar Deus e, como diz Santo Agostinho, só ao encontrar Deus é que o ser humano verdadeiramente descansa.

d. **A porta da inteligência.** Embora a ciência também possa ser uma porta de saída, ela foi e continua sendo uma porta de entrada para a fé. Há vários exemplos de pessoas que, ao lerem a obra de Santo Agostinho sobre as Confissões, se encontraram e se converteram. O Cardeal John Henry Newman é outro exemplo citado por Libanio (2014, p. 130) de alguém que, durante sua busca por sentido na vida, encontrou escritos católicos e se converteu ao catolicismo. Essa realidade ainda é muito presente em nossa sociedade. Portanto, podemos concluir que, através da ciência, é possível preencher o vazio do ser humano e entrar em comunhão com Deus.

### **Considerações finais**

Compreender a fé tornou-se uma questão existencial para o ser humano, especialmente para os teólogos. As contribuições sobre a concepção da fé são incontáveis, e muitos fatores dificultam essa compreensão. Isso torna ainda mais desafiador para os agentes de pastoral transmitirem a fé, particularmente às novas gerações. De fato, para os evangelizadores de hoje é feito sempre o convite de atualizar os meios de evangelizar, porém, sem perder a essência que é Cristo.

Diante de várias indagações teológicas e pastorais, este artigo buscou apresentar uma concepção da fé como adesão ao conteúdo da revelação - Jesus Cristo. Percorremos uma trajetória que incluiu a compreensão da fé no Antigo

Testamento e no Novo Testamento, especificamente nos evangelhos e nos escritos paulinos. No mesmo contexto, como parte de nossas indagações pastorais sobre a transmissão da fé, expomos elementos que possibilitam essa transmissão, culminando na adesão ao conteúdo da revelação. Também destacamos os elementos que, de alguma forma, podem dificultar essa adesão.

Por fim, a fé como caminho para o conhecimento e adesão à revelação divina é um processo complexo e multifacetado. Este artigo buscou iluminar esse caminho, mostrando que, apesar dos desafios, a fé permanece uma força vital na busca humana por sentido e verdade.

## Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultura, 2000.

ALFARO, Juan. A fé como entrega pessoal do homem a Deus e como aceitação da mensagem cristã. **Concilium: Revista internacional de teologia**. Petrópolis, RJ, v. 3, n. 1, p. 48-59, jan. 1967.

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2016.

CONCILIO VATICANO II. **Constituição dogmática Dei Verbum**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1969.

FISICHELLA, Rino. **Introdução à teologia fundamental**. São Paulo: Loyola, 2000.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Lumen Fidei**: aos Bispos, aos Presbíteros, aos Diáconos, às Pessoas Consagradas, e a todos os Fiéis Leigos sobre a fé. São Paulo: Paulinas, 2013.

LANGEVIN, Gilles. Fé. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (Org.). **Dicionário de teologia fundamental**. Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994. p. 319-324.

LIBANIO, João Batista. **Introdução à teologia fundamental**. São Paulo: Paulus, 2014.

PFAMMATER, Josef. A fé. In: FEINER, J.; LOHRER, M. (Org.). **Mysterium salutis**: compêndio de dogmática histórico-salvífica. v.1/4. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971. p. 10-29.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao cristianismo**: preleções sobre o símbolo apostólico com um novo ensaio introdutório. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2015.